

O sujo e o limpo: um estudo das representações dos alunos do curso de Ciências Biológicas

The dirty and clean: a study of representations of students of Biological Sciences

Resumo

Este trabalho busca contribuir para a discussão de questões relacionadas às representações sociais da higiene corporal, construídas por estudantes iniciantes de um curso de licenciatura em Ciências Biológicas, bem como verificar quais são as suas percepções sobre o sujo e o limpo. O referencial teórico utilizado foi a Teoria das Representações Sociais de Moscovici. O instrumento de pesquisa utilizado foi o questionário, contendo a técnica da associação livre de palavras e questões abertas. Após a análise dos resultados, verificou-se que há uma relação entre a higiene corporal e as percepções sensoriais dos estudantes, principalmente visão e olfato. Outra constatação foi que a percepção de sujo e de limpo está vinculada aos cuidados com o corpo e com aquilo que é visto ou sentido por eles ou pelos outros.

Palavras – chave: representação social, higiene corporal, sujo, limpo

Abstract

This paper seeks to contribute to the discussion of issues related to social representations of bodily hygiene, built by students beginning a degree course in Biological Sciences as well as determine what are their perceptions about the dirty and clean. The theoretical framework used was the theory of social representations Moscovici. The survey instrument used was a questionnaire containing the technique of free association of words and open questions. After analyzing the results, it was found that there is a relationship between the hygienic and sensory perceptions of students, especially sight and smell. Another finding was that the perception of clean and dirty is linked to body care and what is seen or felt by them or by others.

Keywords: social representation, personal hygiene, dirty, clean

Introdução

A ideia deste estudo surgiu a partir da minha prática pedagógica. Como professora universitária há dezenove anos, atuando nos cursos de licenciatura com a disciplina Didática e no Curso de Ciências Biológicas com a disciplina Estágio Supervisionado e Prática de Ensino, tenho percebido que os alunos obtêm informações, mas não as transformam em conhecimento.

Também tenho observado, durante o estágio supervisionado, que os futuros professores continuam centrados na transmissão dos conhecimentos biológicos de forma dogmática. Ao se depararem, por exemplo, com temas controversos da Biologia, como evolução, o uso de células troncos, aspectos relativos à saúde, entre outros, os licenciandos limitam-se aos princípios, conceitos e procedimentos, ou seja, fazem uso de um discurso científico hermético, sem nenhuma discussão dos aspectos sociais do tema.

O estudo do corpo humano, por exemplo, como já foi amplamente discutido por vários autores (Aragão, Schnetzler, Cerri, 2000; Talamoni, Bertolli Filho, 2005; Souza, Camargo, 2009 e tantos outros) é feito de forma fragmentada desde a Educação Infantil até a Universidade. O ensino centrado na “dissecção didática” do corpo humano em sistemas, órgãos, tecidos e células, sem discutir com os alunos as interações entre as partes que formam o todo – corpo humano – e deste com o meio ambiente, privilegia a memorização das informações científicas, mas não garante a compreensão dos

fenômenos biológicos que ocorrem no corpo. Não se trata, aqui, de desvalorizar a dimensão biológica do corpo, mas associá-la às outras dimensões.

Morriau (1977, p. 137) nos lembra que o homem estudado não pensa, não reflete, não é animado por sentimentos. É um ser frio, mecânico, submetido às leis biológicas, que só possui a história biológica. Ao reduzir o estudo do corpo apenas a sua dimensão biológica, o ensino se dissocia da sua dimensão cultural. Acrescentamos ainda que se trata, também, de um corpo sexuado e situado no tempo e no espaço.

Como possibilitar “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico” – artigo 35, item III, da LDBEN/96 – se não é dado ao aluno a oportunidade de analisar e posicionar-se diante das mesmas? Essa forma de ensinar não estaria, por exemplo, principalmente no caso do estudo dos aspectos relativos à higiene do corpo, induzindo o aluno a uma aceitação tácita de certos padrões de “comportamento” estabelecidos pela sociedade e pela ciência?

Esta concepção de ensino de biologia tem algumas implicações: primeiro, reforça uma concepção de ciência, bastante difundida entre os alunos, de que a produção do conhecimento científico é resultado do trabalho de alguns indivíduos iluminados e que, ao realizarem o seu trabalho, não sofrem nenhuma influência do contexto sócio-político e econômico da época; passa uma ideia do fazer científico que não corresponde à realidade, pode consolidar a supervalorização do conhecimento científico em detrimento dos outros saberes. Finalmente, esta forma de ensinar distancia-se de um dos principais objetivos do ensino de biologia, que é o “uso” do conhecimento como instrumento de reflexão.

Os futuros professores, ao se depararem com temas relacionados à higiene, seja ela corporal, ambiental ou coletiva, tendem a dar ênfase às normas de higiene estabelecidas pela sociedade, sem questionamentos, e também não estabelecem relações entre higiene e saúde (individual ou coletiva). Estas normas são simplesmente apresentadas aos alunos sem nenhuma discussão, por exemplo: “lavar as mãos antes do lanche”, “escovar os dentes após as refeições”, “lavar as mãos após usar o banheiro”, “tomar banho todos os dias”, entre outras. Essas normas, ainda hoje presentes no discurso do professor e nos livros didáticos, centram-se no indivíduo, como se ele fosse responsável pelas prováveis doenças que possa afetá-lo. Esquece, por exemplo, que a própria escola não oferece as mínimas condições para que essas referidas normas sejam praticadas. Nas escolas públicas de Ensino Fundamental do DF, o lanche é servido em sala de aula e, muitas vezes, os alunos não são autorizados a ir lavar as mãos antes dessa refeição. Isso porque, se cada professor permitisse a saída de seus alunos, geraria tumulto no pátio da escola, visto que não haveria espaço suficiente para que todos os alunos do turno lavassem suas mãos ao mesmo tempo. Não se trata, aí, de uma contradição?

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN¹, apresentam como um dos objetivos para o Ensino Fundamental, que o aluno seja capaz de “Conhecer e cuidar do próprio corpo, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva” (p. 7). Trazem também como sugestão de conteúdo para o 2º ciclo do Ensino Fundamental o “estabelecimento de relações entre a falta de higiene pessoal e ambiental e a aquisição de doenças: contágio por vermes e microrganismos” (p. 66), destacando os cuidados com o corpo e a higiene corporal como um dos aspectos responsáveis pelo desenvolvimento de hábitos saudáveis. Quanto ao Ensino Ciências Naturais, um dos objetivos dessa disciplina é “Compreender a saúde pessoal, social e ambiental como bens individuais e coletivos que devem ser promovidos pela ação de diferentes agentes” (p. 33). Um dos Temas Transversais é a Saúde, que aborda as condições necessárias para a melhoria da qualidade de vida pessoal, social e ambiental.

Não é só o livro didático e o professor que centram a responsabilidade da higiene/saúde no indivíduo. Apesar de chamar a atenção para o aspecto multidimensional da Educação para a Saúde, os PCN não destacam a importância do saneamento básico e das relações com a saúde da população. Também não faz referências quanto à responsabilidade do governo em relação à saúde coletiva.

¹Os PCN foram elaborados por educadores e publicados pelo Ministério da Educação – MEC em 1997 com a intenção de “ampliar e aprofundar um debate educacional que envolva escolas, pais, governos e sociedade e dê origem a uma transformação positiva no sistema educativo brasileiro.” (p. 5). Com os PCN “pretende-se criar condições, nas escolas, que permitam aos nossos jovens ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania” (p. 5).

Ora, como o professor vai discutir esses temas, que extrapolam a dimensão biológica, se durante a sua formação escolar e universitária, ele não teve oportunidade de analisar outras dimensões da higiene? Na verdade, esses futuros professores estão reproduzindo os modelos de ensino, construídos ao longo de sua escolaridade, e os cursos de formação de professores, inicial e continuada, parece que pouco contribuem para uma avaliação efetiva desses modelos de ensino.

Quadro Teórico

Os conhecimentos científicos do universo reificado², apreendidos ao longo do curso de licenciatura vão ser incorporados ao universo consensual³, com as modificações provocadas pelas histórias de vida e experiências pessoais. Portanto, esses conhecimentos vão ser re-elaborados e cada estudante vai criar as suas representações sociais, coerentes com as idéias do grupo, mas com algumas diferenças individuais. Para Moscovici (2003, p. 95)

O senso comum está continuamente sendo criado e re-criado em nossas sociedades, especialmente onde o conhecimento científico e tecnológico está popularizado. Seu conteúdo, as imagens simbólicas derivadas da ciência em que ele está baseado e que, enraizadas no olho da mente, conformam a linguagem e o comportamento usual, estão constantemente sendo retocadas.

Moscovici (1978, p. 24) afirma também que a propagação da ciência e a sua penetração no cotidiano das pessoas ocorre por meio da comunicação que propaga o conhecimento em uma dada sociedade. Esse processo de socialização forma um novo tipo de conhecimento adaptado às necessidades de um grupo social. Não reproduz o conhecimento científico, mas o re-elabora, transformando-o de acordo com o contexto social no qual está inserido. Esse processo de “formação de um outro tipo de conhecimento, adaptado a outras necessidades, obedecendo a outros critérios, num contexto social preciso” tem por pano de fundo uma mudança no senso comum. Essa transformação não se resume à incorporação de novas ideias, nem a difusão de conceitos científicos ou de informações, mas a um movimento em que as descobertas científicas são socializadas, transformando o meio ambiente e se transformando.

Concordando com Moscovici, Sacristán (1999, p. 117) ressalta que o conhecimento científico, “que, em princípio, não pertence ao âmbito do senso comum”, ao se infiltrar na vida cotidiana, trás múltiplas implicações nas mais variadas atividades humanas, tanto por meio das aplicações tecnológicas utilizadas e difundidas, quanto nas condições de elaboração do conhecimento pessoal e compartilhado, modelando a própria realidade e interferindo nas ações pessoais e coletivas.

Portanto, na dinâmica das representações sociais ocorrem mudanças e nos cursos de formação de professores espera-se que essas transformações aconteçam. Uma vez que as disciplinas específicas fornecem aos acadêmicos novas informações, que podem modificar as concepções e percepções que eles têm sobre um determinado assunto, podemos pressupor que os licenciandos do curso de Ciências Biológicas, deveriam ter os conhecimentos básicos de sua disciplina e ter a consciência de que o conhecimento científico é uma forma, entre outras, de explicação dos fenômenos da natureza, condições necessárias para poder reapropriar e re-estruturar a realidade, visto que, segundo Abric (1998, pp. 27-28),

É esta realidade reapropriada e reestruturada que constitui, para o indivíduo ou o grupo, a realidade mesma. Toda representação é, portanto, uma forma de visão global e unitária de um objeto, mas também de um sujeito. Esta representação reestrutura a realidade para permitir a integração das características objetivas do objeto, das experiências anteriores do sujeito e do seu sistema de atitudes e de

² circunscrito, próprio das ciências e do pensamento erudito, com rigor lógico e metodológico, teorização abstrata, especialidades e estratificação hierárquica.

³ sem limites especializados, lógica natural, onde ocorrem as atividades intelectuais da interação social cotidiana pelas quais são produzidas as representações sociais.

normas. Isto permite definir a representação como uma visão funcional do mundo, que, por sua vez, permite ao indivíduo ou ao grupo dar um sentido às suas condutas e compreender a realidade através de seu próprio sistema de referências; permitindo assim ao indivíduo de se adaptar e de encontrar um lugar nesta realidade.

Heller (1977, p. 323) confirma esse fato ao afirmar que os estudantes de ensino superior adquirem um nível científico que os introduz ao meio homogêneo das ciências, mas o que fica de tudo isso, se não continuarem a exercitar esses conhecimentos, são apenas informações científicas, que poderão usar, posteriormente, em um determinado meio social. Portanto, eles se apropriam de alguns conceitos do universo reificado, os reestruturam para poder utilizá-los no universo consensual, ou seja, na vida cotidiana, visto que “os conhecimentos científicos servem para modelar a conduta de vida”.

Sacristán (1999, p. 118) concorda com Heller ao afirmar que a penetração do conhecimento científico ocorre “em qualquer um dos âmbitos da vida cotidiana, afetando as compreensões sobre acontecimentos de ordem física e social”, portanto a percepção das pessoas sobre diversos aspectos da vida varia de acordo com o estrato social e o modo de utilização, visto que a apropriação do conhecimento não ocorre de maneira homogênea pelos sujeitos e pelos grupos.

A título de exemplo, podemos citar a mudança que houve na percepção da higiene corporal e na relação dos sujeitos com o sujo ou impuro, a partir do século XIX, com a descoberta dos organismos patógenos, que segundo Douglas (1976, p. 50), a partir daí, a sujeira, que ela denomina de impureza, se vinculou à transmissão de doenças. Com isso, houve uma transformação nas práticas higiênicas para evitar a contaminação e as epidemias. No universo consensual, que é o senso comum, a representação da sujeira e da limpeza pode assumir diferentes significados, ora referindo-se à higiene, ora a aspectos morais e a traços de personalidade ou pessoas, ora a ambientes.

Para a autora (p. 14) “a impureza é uma ofensa contra a ordem. Eliminando-a, não fazemos um gesto negativo; pelo contrário, esforçamo-nos positivamente para organizar o nosso meio”. Há toda uma pressão cultural para a eliminação do sujo, do impuro, que macula a ordem, desorganiza o ambiente e degrada o indivíduo. Douglas acrescenta ainda que, se abstrairmos a patogenia e a higiene, a sujeira representa tudo aquilo que está fora do lugar, ou seja, a sujeira representa a desordem, a desorganização, aquilo que subverte a ordem. A sujeira não é um fenômeno único, isolado, ela pertence a um sistema de classificação da matéria que ordena todas as coisas, repelindo aquelas que destoam ou são inadequadas. Esta interpretação da sujeira faz parte do domínio simbólico, visto que tanto a sujeira, quanto a limpeza são relativas e socialmente concebidas e pertencentes a um sistema ordenado.

Concordando com Douglas, Jodelet (2005, pp. 309-319), que estudou as representações sociais da loucura, em uma comunidade francesa que hospedava doentes mentais em casas de famílias, verificou que a preocupação com a higiene, que as hospedeiras de pacientes tinham, escondia o receio da contaminação e da poluição, visto que “a limpeza elimina a sujeira, mas não a poluição ligada à doença”. Portanto, o doente era visto como fonte de poluição, que podia contaminar a própria água com suas secreções, podendo transmitir a doença. As secreções perigosas, segundo as hospedeiras, capazes de sujar a água, eram o suor e a saliva, sendo que esta última parecia ser dotada de um poder poluente superior, visto que deixava nas louças uma marca invisível que era perigosa e devia ser afastada do convívio familiar. Por isso, a louça usada pelos doentes era lavada separadamente, enquanto que a roupa podia ser lavada junto com a roupa da família, pois os produtos de limpeza eliminavam o perigo da contaminação.

Os códigos e os símbolos relativos à higiene são estabelecidos social e culturalmente e são eles que vão classificar e organizar as barreiras entre a sujeira e a limpeza. De acordo com Rodrigues (1995, p. 98) em cada sociedade se estabelecem comportamentos que variam de

acordo com os contextos. Para ilustrar podemos dizer que “as regras, liberdades e transgressões” que se fazem no domínio privado, como por exemplo, no banheiro, não se repetem no domínio público. “As pessoas manipulam os códigos, fazem coisas diversas, ou as mesmas coisas de modo diferente, segundo haja ou não outras pessoas no recinto”.

Essas considerações e questionamentos nos levam a perguntar: Quais são as representações sociais de higiene corporal dos estudantes do curso de ciências biológicas? Quais são as dimensões atribuídas à higiene corporal? Discutir higiene corporal nos leva também a questionar a relação que esses futuros professores possuem com o próprio corpo, com o sujo e o limpo. A questão central merece desdobramentos: Qual é a representação social dos estudantes no início do curso de licenciatura em ciências biológicas a respeito da higiene corporal? E no final do curso? Houve transformações relevantes? Que tipo de transformações foram evidenciadas?

As representações sociais são formadas e circulam a partir das relações de comunicações que são estabelecidas nos diferentes ambientes, os quais pressupõem padrões de referências comuns aos sujeitos que formam os grupos. Nessa perspectiva, estudar as representações sociais sobre a higiene corporal nos indicará os padrões de referência do grupo estudado. Lembramos ainda que a prática pedagógica do professor é fortemente condicionada pelas representações que possuem a respeito do tema a ser ensinado, do processo de ensino e aprendizagem e da ciência com a qual ele trabalha.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA

O nosso objeto de estudo está centrado na representação social da higiene corporal de alunos do curso de ciências biológicas e na sua relação com o sujo e o limpo buscando identificar o conteúdo, a organização e a estrutura das representações sociais. Segundo Almeida (2001: p. 142), não existe uma única técnica que permita o estudo, ao mesmo tempo, desses três elementos (conteúdo, organização e estrutura), visto que o estudo das representações sociais apresenta um caráter plurimetodológico devido “à necessidade imposta pela própria teoria de abarcar o objeto a partir de diferentes perspectivas” (p. 155).

Para realizar esta pesquisa, optou-se pela utilização de dois estudos. No primeiro deles, foram analisados os dados obtidos na associação livre de palavras e nas respostas das questões abertas do questionário. No segundo estudo, analisou-se os dados obtidos na triagem hierárquica sucessiva. Ambos os estudos foram realizados com dois grupos de estudantes: os iniciantes (Grupo I) e os concluintes (Grupo C) do curso de licenciatura em ciências biológicas. Mas considerando a extensão do trabalho, pois trata-se de um estudo realizado no contexto de um doutorado, apresentaremos apenas os resultados relativos a análise das três primeiras questões do questionário respondido pelo primeiro grupo de alunos.

1º ESTUDO

O instrumento de pesquisa utilizado, nesta etapa da pesquisa, foi o questionário, contendo a técnica associação livre de palavras e questões abertas. Esse instrumento foi utilizado para o levantamento do conteúdo das representações sociais. De acordo com Almeida (2001, p. 143), o questionário “é considerado um instrumento privilegiado no estudo das representações sociais”. Isso ocorre porque ele permite, “a partir de uma análise quantitativa, identificar a organização das respostas”. A escolha do questionário teve por objetivo possibilitar o acesso a um maior número de alunos e de reduzir os riscos de uma interpretação equivocada por parte do pesquisador. Além disso, esse tipo de instrumento permite a inserção de questões abertas e fechadas, possibilitando assim que os sujeitos possam expressar o que pensam e como agem frente aos temas focalizados.

O questionário aplicado continha um levantamento de dados pessoais. As três primeiras questões estavam relacionadas com a técnica de associação livre de palavras, com os termos indutores: higiene corporal, sujo e limpo, respectivamente. Essa técnica possibilita

a identificação dos prováveis elementos constituintes da representação social, a partir de três indicadores: palavras mais frequentes, palavras mais prontamente evocadas e palavras indicadas como mais importantes. O questionário continha ainda treze questões abertas, as quais, de acordo com Almeida (2001, p. 154) permitem que os sujeitos tenham liberdade para estruturar e desenvolver suas respostas.

Os participantes da pesquisa

1º ESTUDO: Trata-se de uma Instituição de Ensino Superior privada do Distrito Federal. A pesquisa foi realizada com 49 (quarenta e nove) alunos iniciantes do curso Ciências Biológicas.

Os procedimentos de análise da pesquisa

Os questionários foram identificados com IF (iniciante feminino), IM (iniciante masculino), seguidos de um número sequencial, que corresponde ao seu protocolo para identificação. A análise dos depoimentos coletados nas questões abertas do questionário foi realizada após leituras sucessivas das respostas dos participantes e, posteriormente, foram agrupadas em eixos temáticos. Na técnica de associação livre de palavras foi realizado um levantamento dos atributos indicados pelos estudantes, verificando o percentual de indicações na ordem em que foram evocados e o total de evocações, em seguida, essas palavras foram também agrupadas em um sistema temático. Para verificar a organização dos atributos na representação, levam-se em conta apenas os atributos que permanecem até a última escolha. São esses atributos que compõem a representação.

Análise e discussão dos dados

A idade média dos sujeitos que participaram deste estudo era de 22 anos, sendo a menor idade de 17 anos e a maior de 36 anos. Dos 49 estudantes, 18 (36,76%) eram do sexo masculino e 31 (63,24%) do sexo feminino, todos eles cursando o primeiro semestre do curso de licenciatura em ciências biológicas. A grande maioria 45 (91,84%) era solteira, sendo 1 (2,04%) casado, 1 (2,04%) divorciado e 2 (4,08%) separados. Dos estudantes que participaram do estudo, 22 (44,90%) declararam seguir a religião Católica, 8 (16,34%) a Evangélica, 4 (8,16%) a Espírita, 4 (8,16%) declararam seguir outras religiões, 7 (14,29%) disseram não seguir nenhuma religião e 4 (8,16%) não responderam este item da pesquisa.

Quanto ao estado de origem dos estudantes, 39 (79,59%) são do Distrito Federal. São Paulo, Bahia e Minas Gerais aparecem com 2 (4,08%) representantes cada um e os estados do Rio Grande do Sul, Goiás, Tocantins e Rio Grande do Norte com um (2,04%) representante cada um. Os participantes deste estudo passaram a infância em vários estados, sendo que 38 (77,55%) deles passaram a infância no Distrito Federal. Nos estados de São Paulo, Bahia, Minas Gerais, Goiás e Rio de Janeiro 2 (4,08%) estudantes passaram a infância em cada um dos estados, enquanto que um (2,04%) estudante passou a infância na Itália.

Os estudantes deste estudo moram atualmente em diferentes regiões Administrativas do DF: 13 (26,53%) em Taguatinga, 9 (18,37%) no Plano Piloto, 5 (10,20%) em Ceilândia, 4 (8,16%) em Águas Claras, 3 (6,12%) no Guará, 3 (6,12%) no Riacho Fundo, 2 (4,08%) em Samambaia, 2 (4,08%) no Cruzeiro. As Regiões Administrativas do Núcleo Bandeirante, Brazlândia, Park Way e Candangolândia tem 1 (2,04%) estudante morando em cada uma delas. Em Goiás mora 1 (2,04%) estudante e 4 (8,16%) estudantes não responderam este item.

Higiene corporal

Na primeira questão, cujo termo indutor era “Higiene Corporal”, os estudantes indicaram as palavras ou atributos que, na percepção deles, melhor representava o termo indutor. Foram identificados setenta e cinco atributos que, após análise, foram agrupados em

oito categorias. As categorias não foram estabelecidas *a priori*, foram construídas no decorrer das várias leituras. **Produtos/equipamentos:** todos os produtos, equipamentos e utensílios que são utilizados para higiene; **Partes do corpo:** todas as palavras ou expressões que fazem referência a alguma parte do corpo; **Sensações:** impressão física causada a si mesmo e ao outro; **Ambientes/locais:** espaços físicos normalmente destinados à higiene ou relacionados com ela; **Práticas higiênicas:** ações ou atitudes relacionadas à higiene pessoal, ambiental ou coletiva; **Cores:** impressão visual produzida pelos corpos e objetos; **Estereótipo:** imagem preconcebida de determinada pessoa, coisa ou situação, utilizada, principalmente, para definir e limitar pessoas ou grupo de pessoas na sociedade; **Outros:** Aqueles atributos que não se encaixaram em nenhuma das categorias anteriores.

A partir dos resultados encontrados para “higiene corporal” podemos destacar algumas evidências: os atributos mais salientes, encontrados por meio da técnica de associação livre de palavras foram: banho e sabonete/sabão, seguidos por água, limpeza e xampu. Esses atributos referem-se a práticas higiênicas (banho), produtos (sabonete/sabão, água, xampu) e sensações (limpeza). Ainda na primeira questão foi solicitado aos estudantes que, das cinco palavras indicadas, eles selecionassem aquela que mais representava o termo indutor. As palavras indicadas como mais representativas da higiene corporal foram banho (40,82%), sabonete (12,24%) e água (10,20%). São atributos relacionados com os cuidados com o corpo.

A análise dos resultados nos leva a inferir que a representação social da higiene corporal dos participantes da pesquisa vincula-se mais claramente à prática diária do banho. A relação das pessoas com a água e com as práticas de higiene corporal têm variado ao longo da história da humanidade, por exemplo, a partir de meados do século XIX, segundo Vigarello (2006, p. 94-95), “A higiene parece descobrir mais do que nunca os efeitos particulares do banho”. O banho, segundo o autor, despertava uma nova sensibilidade de conforto e beleza, representando não só a limpeza, mas um efeito cosmético, podendo ser estimulante ou relaxante, dependendo da temperatura e de produtos adicionados à água. O autor (1996, p. 188) afirma ainda que foi nessa época que houve uma cisão nas finalidades do banho: a limpeza, ou banho higiênico, deveria ser feita com água morna, enquanto a água fria servia para estimulação do corpo. Portanto, essas duas práticas tinham objetivos diferentes.

Além do banho, os estudantes também associam a higiene corporal aos signos olfativos emitidos pelo corpo. Quanto aos odores, Andrade Lima (1996, p. 83) destaca que a partir do século XIX, a ideologia da higienização foi se instalando gradativamente, ocasionando consideráveis mudanças na sensibilidade olfativa da época, submetendo os maus cheiros a um controle cada vez mais rígido, surgindo, então, uma nova etiqueta corporal fundamentada na discriminação. Rodrigues (2006, p. 97) complementa dizendo que na “vida cotidiana damos enorme importância a determinados signos olfativos”, classificando os odores e os associando a uma série de aspectos sociais, como beleza, status e afirmação.

Sujo

Na segunda questão, cujo termo indutor era “Sujo”, os estudantes indicaram as palavras que, na percepção deles, melhor representavam esse termo. Após a leitura das palavras evocadas identificamos 108 atributos que, após análise, foram agrupados em dezesseis categorias: **Seres Vivos:** todos os seres que têm vida (mosca e porcos); **Sensações:** impressão física causada a si mesmo e ao outro (nojento); **Ambientes/locais:** espaços físicos normalmente destinados à higiene ou relacionados com ela (esgoto); **Detritos/Excretas:** todos os resíduos ou excreções corporais ou ambientais (suor, sujeira); **Organização:** tudo que se relaciona com ordem ou desordem; **Partes do corpo:** todas as palavras ou expressões que fazem referência a alguma parte do corpo (pé); **Objetos/Coisas:** tudo que se oferece à vista ou afeta os sentidos e que não tem vida (roupa suja); **Odores:** tudo que se relaciona ao olfato, exalando cheiro bom ou ruim (fedor); **Saúde/Doença:** tudo que se relaciona ao bom (mau)

funcionamento do organismo (doença); **Estereótipo:** imagem preconcebida de determinada pessoa, coisa ou situação, utilizada, principalmente, para definir e limitar pessoas ou grupo de pessoas na sociedade (morador de rua); **Produtos/equipamentos:** todos os produtos, equipamentos e utensílios que são utilizados para higiene; **Estética:** tudo que se relaciona com o belo (feio); **Situação Econômica:** tudo que se relaciona à condição financeira das pessoas ou grupos sociais; **Atitudes/ Ações:** normas de procedimento de pessoas ou grupos sociais em determinadas situações (preguiça); **Cores:** impressão visual produzida pelos corpos e objetos (marrom); **Outros:** aqueles atributos que não se encaixaram em nenhuma das categorias estabelecidas.

Ainda na segunda questão foi solicitado aos estudantes que, das cinco palavras indicadas, eles selecionassem aquela que mais representava o termo indutor. As palavras indicadas como mais representativas de sujo são: lixo (18,37%), fedor (12,24%), doença (6,12%), esgoto (6,12%), suor (4,08%). A partir dos resultados podemos fazer algumas análises e destacar algumas evidências. Os atributos mais salientes, encontrados por meio da técnica de associação livre de palavras, foram: lixo e fedor, seguidos por doença, suor, marrom e terra. Esses atributos referem-se a detritos/excretas (lixo, suor, terra), cor (marrom), odor (fedor) e doenças.

Para os alunos iniciantes o sujo, está vinculado ao que eles veem ou sentem na presença do que consideram como sujeira, destacando-se como atributos mais salientes o “lixo”, o “mau cheiro”, o “suor”, as “doenças”. Douglas (1976, p. 50-51) afirma que a sujeira, que ela denomina de impureza, é constituída de elementos repelidos pelos sistemas ordenados pela sociedade. Ela nunca é um fenômeno único, isolado. Está sempre acompanhada de um sistema de organização, de ordem simbólica, que classifica e condena qualquer objeto, ideia ou pessoa que contradiz a ordem estabelecida. Afirma ainda que, somente a partir de meados do século XIX, após a descoberta das bactérias patogênicas, a sujeira se associou às doenças. Para a autora (p. 93) a sujeira “é uma questão de estética, de higiene ou de etiqueta; não é grave desde que não provoque qualquer embaraço social”.

Nessa mesma linha de raciocínio, Rodrigues (1995, p. 84) nos lembra que a sujeira, simbolicamente, representa perigo, devendo, portanto, ser evitada. Ela representa “uma mistura de elementos pertencentes a categorias” que deveriam ser mantidas isoladas para evitar a contaminação. A sujeira é algo que destoa em um sistema de classificação estabelecido culturalmente, visto que ela desorganiza o ambiente, dando a impressão de que as coisas estão fora do lugar. Portanto, eliminar a sujeira é colocar cada coisa em seu devido lugar. Como consequência, os limites dessa classificação são considerados sujos e, por isso, as roupas, as mãos, os pés e os orifícios corporais merecem uma atenção especial.

Outros resíduos, segundo os estudantes, que também representam perigo e ameaçam a ordem são as secreções produzidas pelo corpo humano: suor, fezes e urina. Jodelet (2005, p. 303) comprovou isso em sua pesquisa sobre a representação social da loucura, em que há uma nítida separação dos utensílios usados pelo doente por medo do contágio, visto que acreditavam que as secreções emanadas pelos corpos dos doentes poderiam transmitir a loucura às pessoas sadias.

Limpo

Na terceira questão, cujo termo indutor era “Limpo”, os estudantes indicaram as palavras ou atributos que, na percepção deles, melhor representavam o termo indutor. Após a leitura das palavras evocadas, 103 termos foram agrupados em dezessete categorias. **Produtos/ Equipamentos:** todos os produtos e equipamentos utilizados para higiene pessoal, coletiva ou ambiental; **Sensações:** impressão física causada a si mesmo e ao outro; **Ambientes/locais:** espaços físicos normalmente destinados à higiene ou relacionados com ela; **Práticas Higiênicas:** ações ou atitudes relacionadas à higiene pessoal, ambiental ou coletiva; **Organização:** tudo que se relaciona com ordem ou desordem; **Partes do corpo:** todas as palavras ou expressões que fazem referência a alguma parte do corpo; **Objetos/Coisas:** tudo que se oferece à vista ou afeta os sentidos e que não

tem vida;**Odores:** tudo que se relaciona ao olfato, exalando cheiro bom ou ruim;**Saúde/Doença:** tudo que se relaciona ao bom (mau) funcionamento do organismo;**Pessoas:** seres humanos;**Estética:** tudo que se relaciona com o belo;**Aspecto Moral:** tudo que se relaciona aos costumes ou deveres do homem para com seus semelhantes e consigo mesmo;**Detritos/Excretas:** todos os resíduos ou excreções corporais ou ambientais;**Estereótipo:** imagem preconcebida de determinada pessoa, coisa ou situação, utilizada, principalmente, para definir e limitar pessoas ou grupo de pessoas na sociedade.**Atitudes/ Ações:** normas de procedimento de pessoas ou grupos sociais em determinadas situações;**Cores:** impressão visual produzida pelos corpos e objetos;**Outros:** aqueles atributos que não se encaixaram em nenhuma das categorias estabelecidas

Ainda na terceira questão foi solicitado aos estudantes que, das cinco palavras indicadas, eles selecionassem aquela que mais representava o termo indutor. As palavras indicadas como mais representativas de limpo foram: branco, seguidos por sabonete/sabão, água, brilhante e cheiroso. Esses atributos referem-se a cor (branco, brilhante), produtos/equipamentos (sabonete/sabão, água) e odor (cheiroso).

De acordo com Le Breton (2006, p. 55), é preciso considerar, não apenas as ações do corpo, mas também o campo sensorial, o qual varia de uma cultura para outra e até de uma classe social para outra. Há uma diferença na maneira de interpretar sensorialmente o mundo, visto que a configuração dos sentidos “são de natureza não somente fisiológica, mas também social”. O autor enfatiza ainda que cada sociedade “elabora seu próprio repertório sensorial como universo de sentido”, com isso, certos sinais corporais fogem totalmente do controle ou da vontade do indivíduo, visto que pertencem à dimensão social e cultural. “A cada instante decodificamos sensorialmente o mundo transformando-o em informações visuais, auditivas, olfativas ou gustativas”, as quais variam “de acordo a sensibilidade e os acontecimentos que marcaram a história pessoal” de cada um.

Rodrigues (2006, p. 98) complementa essa ideia ao afirmar que em nossa sociedade enfatizamos mais o sentido da visão, visto que “precisamos ver para crer”, escrever para não esquecer o que ouvimos e utilizamos expressões como “visionário” e “vidente” quando nos referimos às pessoas arrojadas; dizemos que os olhos são as janelas da alma; chamamos os sábios de “iluminados”; quando nos despedimos de alguém dizemos “até a vista”; quando gostamos de alguém, essa pessoa é “bem vista”. Também utilizamos “visão de mundo”, “pontos de vista”, um caso pode ser “obscuro”, uma solução pode ser “brilhante”.

Segundo Vigarello (1996, p. 252) essa predominância da visão sobre os outros sentidos não é recente. Já no século XVII, embora a rejeição pela água predominasse, a limpeza referia-se “às zonas escondidas do corpo”, o que parece paradoxal, visto que isso aumentava o papel do olhar, da aparência. O visível era representado pela troca da roupa branca, a qual substituíam o banho. Portanto, a limpeza valorizava o visível. Nos séculos seguintes, a representação da limpeza foi sendo modificada, com a emergência de outros valores, como a saúde e o vigor.

Ainda segundo o autor, no século XIX, com a descoberta dos micróbios, destaca que a limpeza se torna menos “palpável”, visto que se tratava de uma limpeza do “invisível”. Essas mudanças no padrão de limpeza, vagarosamente construídas, “dão ao corpo uma vigilância eminentemente social”.

Atualmente, segundo Bueno (2007, p. 76) “os brasileiros adoram tomar banho”. Com isso o mercado de produtos de higiene pessoal tem crescido nas últimas décadas, fazendo com que no Brasil (segundo pesquisa do Ibope em 2001) o sabonete está presente em 98% dos lares, o xampu em 80% e o desodorante em 63%. Essa pesquisa ainda mostrou que o Brasil é “o segundo consumidor mundial de desodorante, o terceiro em produtos para o cabelo e o quarto em pastas de dentes”. O autor nos lembra ainda que embora uma pesquisa realizada pelo Datafolha (maio de 1996) tenha indicado que 97% da população brasileira toma banho todos os dias, 2% se banhem de quatro a seis vezes por semana e 1% toma de um a três

banhos a cada sete dias, não se pode afirmar que o brasileiro é o povo mais asseado do mundo. Isso porque, “apesar do hábito do banho estar enraizado na cultura e no comportamento nacionais, urinar nas ruas, não lavar as mãos antes das refeições e depois de ir ao banheiro, também constituem costumes genuinamente brasileiros”.

A grande maioria dos estudantes pesquisados associa a limpeza à cor branca. Essa associação não é recente, visto que já no século XVII, segundo Vigarello (1996, p. 70), a brancura da roupa de baixo indicava a limpeza de quem a usava. O branco indicava uma limpeza do interior, permitindo evocar o mais íntimo da pessoa. Para o autor, o branco “torna parcialmente visível aquilo que não se vê”. Em uma época em que a água era evitada, a brancura da roupa de baixo tinha um duplo significado: o de evitar a presença da transpiração e o do olhar do outro que avalia pelo branco dessa roupa.

Rodrigues (2006, p. 106) complementa essa ideia ao afirmar que a cor branca, tradicionalmente, está associada à limpeza, por isso ela aparece nos banheiros, hospitais, consultórios, utensílios de cozinha. Só muito recentemente que se começou a substituir o branco por outras cores “que sujam menos”. Na realidade, a sujeira é a mesma, independente da cor, visto que os microorganismos podem se alojar em qualquer cor, mas simbolicamente, no branco eles aparecem mais. À medida que se substitui a cor branca por outras cores, a atenção para com a limpeza diminui, pois se as cores “sujam menos”, não é preciso limpar constantemente.

Outro atributo indicado, para representar o limpo, foi o bonito. Vigarello (2006, p. 171-172) ressalta que nos anos 1950-1960, o hedonismo e o lazer sobressaíram, alavancando o consumo de produtos do universo estético, com modelos mais acessíveis e mais concretizáveis. O corpo se tornou o “mais belo objeto de consumo”, alicerçado na dinâmica da igualdade, permitindo que todos tivessem acesso a esses produtos. Essa generalização da beleza provocou uma revisão na representação do corpo. As estrelas de cinema do pós Segunda Guerra serviram de modelo para a renovação do registro estético, tanto no vestuário quanto no comportamento, fazendo com que as mulheres, ao usarem os produtos indicados pelas estrelas, também tivessem a sensação de liberdade.

A partir de 1960, com o aumento da publicidade nas revistas, o peso do visual se ampliou, conforme afirma o autor (p. 173-174). “Com a profusão da imagem, a cultura generalizada das revistas”, impôs um outro personagem: o manequim ou modelo fotográfico, que passa a ditar os rumos da beleza. Com essa massificação, as vendas de produtos de beleza na França, quadruplicaram de 1965 a 1985, a dos cosméticos duplicaram de 1990 a 2000 e o número de salões de beleza sextuplicou de 1971 a 2001. Esse crescimento nas vendas de produtos e serviços, ligados à estética, teve como consequência uma revolução nas aparências, visto que encobriu a visibilidade das distâncias sociais. Com o uso dos cosméticos ao alcance de todas, “o luxo se democratiza” e já não é mais possível reconhecer a mulher do povo, que passou a comprar produtos de beleza, a se maquiar e a se cuidar tanto quanto as mulheres da elite.

Quanto às sensações provocadas pela limpeza, destaca-se o bem estar e a pureza. Para Vigarello (2006, pp. 184-186) o bem estar tornou-se, na atualidade, princípio de embelezamento. O mercado da estética busca oferecer produtos que façam com que as pessoas se sintam bem e em harmonia com o próprio corpo. Buss (2000, p. 174) complementa que para “a nova concepção de saúde importa uma visão afirmativa, que a identifica com bem-estar e qualidade de vida, e não simplesmente com ausência de doença”.

Rosa (2006, p. 4-5) afirma que “a modernidade disciplinou o homem fazendo com que ele aceitasse e buscasse os ideais de beleza, limpeza e de ordem”. A autora ainda complementa que a ideia de ordem está diretamente ligada à pureza, limpeza e higiene.

Uma ‘ordem’ que fornece estabilidade num universo pensado em termos de projeto e progresso. Num universo linear, a “ordem” pode garantir certa proteção contra o acaso e mantém a fé nas probabilidades. Uma ideia – ‘ordem’ – que sempre existiu

nas sociedades em todas as épocas. Contudo, aliada ao universo linear e progressivo da modernidade, passou a ocupar um lugar de destaque nesse mundo disciplinar (...)

Enquanto arrumamos a casa, organizamos os livros na estante ou limpamos o ambiente ao nosso redor, estamos tentando manter um padrão que garante a nossa identidade na sociedade, a qual classifica e ordena, continuamente, os seus elementos.

A maioria dos estudantes, 87,75% do Grupo I (iniciantes) considera-se limpos. As principais justificativas fornecidas por eles foram: são limpos porque fazem a higiene pessoal regularmente, tomam banho, cuidam do ambiente onde moram e cuidam do corpo. Verifica-se que as respostas demonstram cuidados com o corpo e com o ambiente. Para Silva (1999, p. 9) é paradoxal que, em uma sociedade altamente racional, onde ainda predominam as atividades mentais, haja um grande interesse por tudo que diz respeito ao corpo, principalmente “à aparência a ser apresentada em público”. Concordando com essa ideia, Le Breton (2006, p. 87) afirma que “a preocupação com a aparência, a ostentação, o desejo de bem estar” faz com que as pessoas se empenhem nos cuidados com a alimentação e a saúde.

Considerações Finais

Ao longo deste estudo procuramos conhecer qual é a representação social da higiene corporal, construída pelos estudantes de licenciatura do curso de ciências biológicas. Para tanto, foi preciso verificar qual é a percepção de sujo e limpo que esses estudantes têm, visto que a higiene corporal está diretamente relacionada a esses termos. Também foi possível identificar a concepção de corpo que os estudantes elaboram, do seu próprio corpo e do corpo do outro.

Procuramos mostrar também que a higiene corporal tem um caráter polissêmico, visto que pode assumir diferentes significados, ora se refere às práticas higiênicas, ora a aspectos morais, ora a traços de personalidade, podendo, ainda, sofrer transformações com o passar dos tempos. Isso ocorre porque as práticas de higiene são cultural e socialmente concebidas, variando, portanto, de acordo com a época, mentalidade e sensibilidade dos povos, eventos emergenciais, e outros fatores que possam desencadear mudanças na representação.

Nesta pesquisa consideramos que as representações sociais dos licenciandos em ciências biológicas, a respeito da higiene corporal, por eles construídas, estão associadas mais aos aspectos estéticos e aos padrões de beleza vigentes, que aos cuidados com a saúde, pois é isso que foi socialmente instituído. E nessa mesma perspectiva, a representação desses estudantes, em relação ao sujo e ao limpo, também está associada aos padrões estéticos e na relação ordem/desordem. Essa suposição foi parcialmente confirmada, visto que, para os iniciantes do curso o “banho” se localiza no núcleo central da representação social de higiene corporal, dando assim significado à representação.

Os resultados obtidos neste estudo indicam que para os licenciandos do curso de ciências biológicas, as representações de higiene corporal, sujo e limpo estão mais centradas nos aspectos visíveis e sentidos por eles e no que os outros percebem, do que nos aspectos relacionados à saúde individual ou coletiva. A presença de elementos que expressam aspectos morais, ideológicos e traços de personalidade indica que os termos sujo e limpo, são polissêmicos, visto que permitem distintas significações, dependendo da história de vida de cada sujeito e das informações veiculadas no meio social em que eles estão inseridos.

Referencias Bibliográficas

ABRIC, J-C. (1998). A abordagem estrutural das representações sociais. In: A.S.P. Moreira & D.C. de Oliveira (Orgs). **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB Editora. pp. 27-38.

- ALMEIDA, A.M.O. (2001). A pesquisa em representações sociais: fundamentos teórico metodológicos. **Ser social**, 9. pp. 129-158.
- ANDRADE LIMA, T. (1996). Humores e Odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX. **História, Ciências, Saúde**. Manguinhos II (3). Rio de Janeiro. Nov. 1995 – fev. 1996. pp. 44-96
- ARAGÃO, R.M.R.; CERRI, Y.L.N.S.; SCHNETZLER, R.P. (Orgs.). (2000). **Modelos de ensino: corpo humano, célula, reações de combustão**. Piracicaba: UNIMEP/CAPES/PROIN. 235 p.
- BRASIL. (1998). Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: ciências naturais** /Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. 138p.
- BRASIL. (1998). Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: saúde** /Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF. 42p.
- BRASIL. (1998). Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. /Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF. 436p.
- BUENO, E. (2007). **Passado a limpo: história da higiene pessoal no Brasil**. São Paulo: Gabarito. 79p.
- BUSS, P.M. (2000). Promoção da saúde e qualidade de vida. **Ciência & Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro. v. 5, n 1, pp. 163-177.
- DOUGLAS, M. (1976). **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva. 213p.
- HELLER, A. **Sociología de la vida cotidiana**. (1977). Barcelona, Península. 418 p.
- JODELET, D. (2005). **Loucuras e representações sociais**. Prefácio de Serge Moscovici. Tradução de Lucy Magalhães, Petrópolis, RJ: Vozes. 391p.
- LE BRETON, D. (2006). **A sociologia do corpo**. Tradução de Sonia M.S.Fuhrmann. Petrópolis, RJ: Vozes. 101p.
- MORIAU, D. (1977). Le corps medicalise. **Quel corps?** Paris: Les Editions de La Passion. p. 128-145.
- MOSCOVICI, S. (1978). **A representação social da psicanálise**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar. 291 p.
- MOSCOVICI, S. (2003). **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Tradução do inglês por Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes. 404 p.
- RODRIGUES, J. C. (1995). **Higiene e ilusão**. Rio de Janeiro. NAU. 112p.
- RODRIGUES, J. C. (2006). **Tabu do corpo**. Rio de Janeiro: Fiocruz. 154p.
- ROSA, S.O. (2006). Da violência, da pureza e da ordem. **Revista Urutágua – revista acadêmica multidisciplinar** (Cesim-MT/DCS/UEM), Maringá, PR, n. 9, abr./mai./jun./jul.
- SACRISTÁN, J. G. (1999). **Poderes Instáveis em Educação**. Trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artes Médicas Sul. 287 p.
- SILVA, A.M. (1999). Elementos para compreender a modernidade do corpo numa sociedade racional. **Cadernos CEDES**, vol.19, n.48, Campinas, SP: Agosto.
- SOUZA, N.G.S.; CAMARGO, T.S. (2009). O corpo no ensino de ciências: serão possíveis outras abordagens? In: VII Encontro Nacional de Pesquisas em Educação em Ciências, UFSC: VII ENPEC, 8 a 13 nov. Disponível em: <http://www.foco.fae.ufmg.br/conferencia/index.php/enpec/vii/enpec/paper/viewFile/671/319>
Acesso em 15 nov. 2009.
- VIGARELLO, G. (1996). **O limpo e o sujo: uma história de higiene corporal**. Tradução Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes. 297p.
- VIGARELLO, G. (2006). **História da beleza**. Tradução Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro. 247 p.